UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO – FACE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO – CID

VERÔNICA SILVA DE LIMA

BIBLIOTECA DA ESCOLA PARQUE 210 SUL: ESTUDO DE CASO

BRASÍLIA
2009

VERÔNICA SILVA DE LIMA

BIBLIOTECA DA ESCOLA PARQUE 210 SUL: ESTUDO DE CASO

MONOGRAFIA PARA CONCLUSÃO DE CURSO
E OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE BACHAREL
EM BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE ECONOMIA,
ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E
DOCUMENTAÇÃO – FACE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO – CID

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA DULCE BAPTISTA

BRASÍLIA
2009

Às professoras e professores que me ensinaram a amar a Educação e aos alunos que me ensinaram a lutar por ela.

Agradecimentos

Agradeço às minhas irmãs e irmãos, amigas e amigos que estiveram sempre comigo me apoiando e incentivando.

Agradeço à minha orientadora, professora Dulce, pelas conversas encorajadoras e pela paciência.

Agradeço à Direção da Escola Parque 210 Sul e às colegas de trabalho Aramita Lessa e Rose Santiago pela colaboração.

“Um livro deve ser o machado que quebra o mar gelado em nós.”
Franz Kafka

Resumo

Trata do estudo de caso da Biblioteca da Escola Parque 210 Sul. Aborda brevemente a idéia originária de Anísio Teixeira e as diferenças do projeto atual de Escola Parque em Brasília. Sob o enfoque da leitura como um processo de compreensão abrangente, ressalta o papel da biblioteca dentro da Escola Parque. Enfatiza a importância do papel da Educação na formação dos cidadãos críticos e conscientes e, desta forma, o papel protagonista das bibliotecas escolares como um todo. Propõe uma resignificação da biblioteca a partir da união de forças e esforços entre os seus funcionários, professores e Direção para beneficiar os leitores. Um questionário foi aplicado aos estudantes, houve observações *in loco* na biblioteca e inúmeras conversas com professores e funcionários a fim de conhecer sua realidade concreta, seus usuários reais e potenciais para que novos rumos sejam dados a ela a partir dos interesses e motivações dos envolvidos no processo educacional do contexto da Escola Parque 210 Sul.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Escola Parque. Educação. Leitura.

Abstract

Presents the Escola Parque 210 Sul Library's case. Shortly approaches Anísio Teixeira's original idea and the differences between his project and this one placed at Brasília. It's written under the vision of reading as a complex and wide process, emphasizing the role of the library not just inside this particular school (Escola Parque) but to all the schools, and the significance of formal education to generate real citizens. Suggests another way to see the library from the junction of efforts amongst everybody in the school to benefit the students. A questionnaire was filled by the students over their relationship to the library, some observation was made *in loco* and countless conversations with teachers were taken to get to know the library's reality to change it's present state to achieve it's potential toward the interests of the students and the teachers of the Escola Parque 210 Sul.

Key-words: School library. Escola Parque. Education. Reading.

Sumário

1 Introdução	9
1.1 Antecedentes históricos	9
2 Justificativa	12
3 Objetivo	13
3.1 Objetivos específicos	13
4 Revisão de literatura	14
5 Metodologia	19
6 Descrição e análise de dados	21
6.1 Dados gerais	21
6.2 Distribuição dos estudantes por Escola Classe	22
6.3 Distribuição dos estudantes de acordo com a faixa etária	22
6.4 Distribuição dos estudantes por gênero	23
6.5 Interesse e importância atribuída à leitura	24
6.6 Preferência dos estudantes respondentes quanto ao material de leitura ...	27
6.7 Distribuição quanto ao local de moradia	28
6.8 Considerações finais a cerca dos resultados da pesquisa com os estudantes	31
7 Conclusão	33
8 Referências	34
APÊNDICE A	36
ANEXOS	37

1 Introdução

O presente trabalho trata do estudo de caso da Biblioteca da Escola Parque 210 Sul. A biblioteca pesquisada nesta monografia não foi aleatoriamente escolhida, ela escolheu a autora deste texto a partir do momento em que se encontram no mesmo local de trabalho: a Escola Parque da 210 Sul (EP), uma das escolas públicas do Distrito Federal (DF).

Mesmo sendo parte da rede pública de ensino do DF, a EP é diferente por vários motivos que logo serão explicados, no entanto, cabe que se pergunte se a biblioteca da EP é diferente das demais bibliotecas públicas da rede oficial de ensino analisadas por alguns dos autores lidos. Com este objetivo, foram elaborados e aplicados, em 181 estudantes, um questionário para se compreender melhor quem são eles e em que circunstâncias utilizam ou não a supracitada biblioteca. Destarte, este texto apresenta resultados, levanta problemas e sugere ações concretas pelos leitores e para a biblioteca da EP 210 Sul.

1.1 Antecedentes históricos

Para um melhor entendimento da biblioteca pesquisada, cabe que se fale brevemente sobre a Escola Parque, seu histórico e algumas de suas peculiaridades.

As Escolas Parque originais foram implantadas entre os anos de 1950 e 1960, por Anísio Teixeira em bairros periféricos de Salvador. Sendo instituições de ensino pioneiras no Brasil, traziam em sua gênese a proposta então revolucionária de *educação integral* em tempo integral, além de ser também profissionalizante. Era um esforço voltado às populações mais carentes para diminuir as desigualdades entre as diferentes camadas da sociedade com a finalidade de alcançar – enfim – a Democracia (SOUSA, 2000).

A luta travada ao longo da carreira de Anísio Teixeira em defesa do ensino público e gratuito de qualidade tornou-se para sempre visível através do conjunto arquitetônico do Centro de Educação (posteriormente denominado Centro Educacional Carneiro Ribeiro) no bairro da Liberdade, em Salvador, composto por quatro escolas classe e uma escola parque. Nas escolas classe, os estudantes seriam atendidos em um turno e receberiam nelas a educação formal. No turno contrário, iriam para a escola parque desenvolver “trabalho [em oficinas], educação física, atividades propriamente sociais e atividades artísticas”

(TEIXEIRA, 1977, p. 130).

Na Escola Parque, além das salas próprias para cada atividade, há um prédio destinado especificamente à biblioteca, que era um centro cultural e tinha um papel protagonista, ilustrado não apenas por suas instalações físicas, mas pela interatividade e riqueza das atividades nela desenvolvidas, a fim de cumprir seu papel de auxiliar na formação dos estudantes para a cidadania (SOUSA, 2000).

Para que o empreendimento inovador instaurado por Anísio Teixeira de uma educação verdadeiramente integral se efetivasse, era necessário “um novo currículo, um novo professor e um novo programa” (TEIXEIRA, 1977, p. 129), mas sobretudo, uma nova postura frente à Educação, “novidades” estas perseguidas até os dias de hoje por todos que se preocupam de fato com um ensino democrático e de qualidade, não apenas com os números estampados nas estatísticas oficiais já que, como ressalta Milanese (1983, p. 35), “os números nem sempre revelam a essência.”

Imbuído de pensamento igualmente fixado em estatísticas, as políticas adotadas pelo Governo do Distrito Federal, através da Secretaria de Estado de Educação, influenciam diretamente o funcionamento das Escolas Parque – infelizmente – nem sempre rumo à tão bradada qualidade de ensino. O seguinte caso é ilustrativo: no início do ano letivo de 2008 a disciplina Literatura foi retirada da grade curricular das EP, deixando uma lacuna na questão do aperfeiçoamento da leitura da palavra escrita e, pior ainda, no desenvolvimento do gosto pela mesma especialmente por parte dos estudantes de 1ª série que entram, em sua maioria, analfabetos na escola e que tinham nas aulas de Literatura uma excelente – talvez única – oportunidade de ler o mundo para além das palavras escritas já que, de acordo com o mestre Paulo Freire, a leitura do Mundo sempre precede a leitura das palavras e a leitura delas implica a continuidade da leitura do Mundo (FREIRE, 2008, p. 11).

Foi com base na experiência em Salvador, nas palavras do próprio Anísio Teixeira, que o modelo de escolas classe - escolas parque foi criado em Brasília “com o propósito de abrir oportunidades para a capital do país oferecer à Nação um conjunto de escolas que constituísse exemplo e demonstração para o sistema educacional brasileiro” (TEIXEIRA, 1977, p. 132). É pertinente perguntar, no entanto, quão apartadas do projeto de Anísio Teixeira encontram-se a Escola Parque 210 Sul e sua biblioteca.

Alguns pontos de divergência entre o projeto soteropolitano de Anísio Teixeira descrito por ele próprio (1977) e por Sousa (2000) e o brasiliense (vivenciados por quem escreve este texto), são citados, como o fato de, no Distrito Federal, as Escolas Parque terem sido criadas fora das periferias e dentro do Plano Piloto. As EP estão nas Asas Norte e Sul,

respectivamente na SQN 210, SQN 304, SQS 210, SQS 308 e SQS 314. No entanto, se até há alguns anos os alunos que freqüentavam as Escolas Parque brasilienses eram moradores das quadras próximas com algumas exceções, atualmente a maior parte dos estudantes da EP 210 Sul mora em cidades satélites e até no entorno como os resultados do questionário¹ indicam.

Os estudantes freqüentarem a EP somente uma vez por semana também é uma diferença ainda que, dependendo da escola classe e/ou da série dos estudantes, outras EP recebam seus alunos até duas vezes por semana para as aulas de Artes Plásticas (disciplina ministrada pela autora do texto), Artes Cênicas ou Música e Educação Física e, aqui, não há profissionalização dos alunos. Em Salvador a ida à Escola Parque era diária e a profissionalização dos alunos era um dos objetivos.

No que diz respeito à biblioteca, mais uma diferença da proposta de Anísio Teixeira: todas as escolas classe aqui têm biblioteca², ou seja, a biblioteca da EP não é central, e ela também não ocupa um prédio inteiro, ocupa apenas uma sala que, a propósito, foi mudada de lugar no início desse ano letivo em função da sua *baixa utilização*, segundo nos informou a Direção da Escola que, no exercício de suas atividades de gerenciamento de atividades, verbas e espaço físico, teve que escolher entre deixar um grande espaço sendo *sub-utilizado* ou cedê-lo para outras áreas da escola que fariam dele *melhor* uso. Entenda-se por sub-utilização o fato da biblioteca ter passado meses inteiros fechada no ano passado por falta de funcionários (as funcionárias estavam de licença médica e não houve substituição temporária) e por não se desenvolverem nela nenhuma atividade³ envolvendo corpo docente, funcionários e/ou alunos como era feito em anos anteriores a 2008 e que justificava o tamanho ocupado pela biblioteca.

Esta falta de atividades na biblioteca é a maior e pior das diferenças existentes, acredita-se, entre a proposta de Anísio Teixeira e a biblioteca que se tem atualmente na EP: de centro cultural passou a peça acessória, quiçá dispensável, na Escola Parque.

¹ Os resultados foram tabelados e constam no item **6 - Análise de Dados** deste texto.

² No início deste ano letivo, todas as Escolas Classe atendidas pela Escola Parque 210 Sul foram visitadas pelo corpo docente da EP, assim como as salas de leitura que são chamadas de bibliotecas. Todas estavam bem organizadas, limpas e sem bibliotecário.

³ Fotos de algumas dessas atividades anteriormente desenvolvidas podem ser vistas nos anexos deste texto.

2 Justificativa

Considerando a atuação da autora deste texto como professora da Escola Parque 210 Sul cuja biblioteca passa por alguns dos percalços comuns entre as bibliotecas escolares do Brasil descritos por Waldeck Silva (1999), parece muito mais válido que ela seja objeto de estudo do que a outra que se tivesse aproximação meramente teórica pois ao invés de uma interação limitada a algumas horas de observação, a biblioteca e o pesquisador foram sujeito e objeto inseridos na mesma dinâmica. A biblioteca está sendo acompanhada há anos pela autora, o que a torna responsável por ela tanto quanto qualquer outro membro da Direção e do corpo docente da Escola Parque. Este texto é, em suma, um *mea culpa*, uma busca por redenção frente a todo conhecimento adquirido na Academia e que deve servir à vida prática e ao bem coletivo ou representou uma grande perda de tempo e dinheiro público.

Faz-se necessário, portanto, conhecer a história da biblioteca da EP, as mudanças que vem sofrendo desde sua criação, entender como e porquê ela funciona da forma que funciona, as pessoas que nela trabalham e, sobretudo, conhecer os estudantes que a freqüentam. É necessária uma abordagem para além da revisão de literatura, que é importante, contudo, não tem aplicação sozinha. O presente trabalho tem sua razão de ser, conseqüentemente, na busca pelo entendimento de uma parte importantíssima da educação: o uso – ou o desuso – da biblioteca escolar de uma escola *sui generis*, uma escola de Artes e Educação Física, a Escola Parque 210 Sul.

3 Objetivo

Estudar a realidade da Escola Parque 210 Sul no que se refere à sua biblioteca.

3.1 Objetivos específicos

- Conhecer os estudantes da EP e sua relação com a biblioteca, no intuito de obter elementos para uma interferência positiva na biblioteca e, por conseguinte, na escola;
- Entender os problemas da biblioteca para criar soluções compatíveis à realidade da EP de seu corpo discente e docente.

4 Revisão de literatura

A literatura selecionada mostrou-se como um espelho da realidade concreta da biblioteca da Escola Parque 210 Sul e os relatos e análises feitos pelos autores dos textos lidos. Nesta seção, trata-se dos pontos de convergência e seus respectivos autores, numa tentativa de encontrar não somente bases ou marcos teóricos, mas diálogo entre a situação da biblioteca da EP e dos pesquisadores e as situações de suas bibliotecas. É preciso dialogar com esses pesquisadores a fim de que se entendam os problemas da biblioteca da EP, buscar suas raízes e superá-los. Afinal, “nenhum de nós está só no mundo” (FREIRE, 2008, p. 26).

Este diálogo torna-se possível pela leitura dos textos escritos por eles, o que pontua exatamente o início desta pesquisa teórica já que seria impossível começar a discorrer sobre bibliotecas ou sobre a educação sem abordar inicialmente a questão da leitura.

Fazendo um cruzamento entre os assuntos ‘educação’ e ‘leitura’, o primeiro nome a ser citado deve ser o de Paulo Freire. Sobre a capacidade e a necessidade humana de ler, escreve:

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto pela leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2008, p. 11).

A leitura como um processo mais amplo do que a simples decifração de códigos é assim descrita por Martins:

Vista [a leitura] num sentido amplo, independentemente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência. Essa perspectiva para o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas (MARTINS, 1988, p. 29).

Sua visão de leitura como “processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem” (MARTINS, 1988, p. 30) é extremamente útil para que se pense sobre a biblioteca de uma escola de Artes e Educação Física, um local que deveria primar pela leitura como um

processo de compreensão abrangente no qual o leitor participa com todas as suas capacidades a fim de apreender as mais diversas formas de expressão tanto por meio de textos escritos quanto de expressão oral, música, artes plásticas, artes dramáticas ou de situações da realidade objetiva cotidiana (MARTINS, 1988, p. 64).

A partir dos apontamentos de Martins, verifica-se que é preciso haver uma mudança na forma como a Escola Parque lê a leitura e, conseqüentemente a biblioteca. Somente mudando essa visão, será possível uma mudança em sua situação e a palavra “abandonada” deixará de ser usada para adjetivá-la. Deve-se resignificar a leitura feita da biblioteca para reescrever seu futuro e dos seus leitores. A escolha não pode ser esta, deixar a biblioteca simplesmente à cargo das funcionárias que nela trabalham. A biblioteca da Escola Parque é parte dos mecanismos educacionais, é um instrumento da educação. Educação é aqui entendida como a descreve Ezequiel Silva:

Educação é o exercício da liberdade [tomada de consciência] do homem para estruturar o seu projeto de existência, para viver os diferentes horizontes da cultura. A existência humana se realiza através da dialética homem-mundo. Educação é o resultado dessa dialética; como tal evidencia-se como sendo um projeto através do qual o homem *apreende* os significados que estão em circulação no interior do seu mundo histórico e cultural. Educação é *projeto* (mais que processo), pois recuperando os significados em circulação no contexto social, pode propor outros, abrindo perspectivas para novas formas de existência. Educação é *transformação* do homem e do mundo (SILVA, E., 1992)

E, como diria Freire, educação não é um ato neutro, é um ato político a medida que envolve distribuição de poderes e de conhecimento, envolve comprometimento com o coletivo interferindo nas relações interpessoais de todos nós (FREIRE, 2008). Tudo o que é feito ou se deixa de fazer pela e para a educação é, assim, por um motivo, obedece a uma agenda política. Desta forma:

Tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais é a clareza em torno de ‘a favor de quem e do quê’, portanto ‘contra quem e contra o quê’ fazemos a educação e de ‘a favor de quem e do quê’, portanto ‘contra quem e contra o quê’ desenvolvemos a atividade política (FREIRE, 2008, p. 23).

E o fato das bibliotecas escolares do Distrito Federal estarem relegadas a segundo plano (Silva, W., 1999) também faz parte de uma agenda política. Se a meta da sociedade como um todo fosse priorizar a educação, as escolas públicas, e conseqüentemente suas bibliotecas, não estariam vivendo o abandono de agora. Deve-se perguntar a quem atende este descaso com as escolas e suas bibliotecas, e a quem atende o fato de não haver um bibliotecário trabalhando na biblioteca da Escola Parque da 210 Sul já que seria este o profissional indicado para desenvolver trabalhos interdisciplinares entre professores, estudantes e a biblioteca conforme aponta Ezequiel Silva (1992, p. 12). A resposta, para Waldeck Silva (1999, p. 10) estaria nas “elites que nos têm (des)governado” agindo através do “Estado que patrocina uma educação pobre para pobres” (SOUSA, 2000, p. 3).

A fim de que a biblioteca escolar atinja seu potencial, diversos autores (FONSECA, 1983; FRAGOSO, 2002; FREIRE, 2008; MILANESI, 1983; SILVA, E., 1992; SILVA, W., 1999) apontam dois pontos que devem ser adequados: os recursos materiais e os recursos humanos. Os recursos materiais abrangem desde o local denominado biblioteca escolar até a qualidade do acervo nele encontrado. Os recursos humanos são os seus funcionários, aqueles que lidam com o acervo, com o espaço físico e, mais notadamente, com seus leitores.

Para Fragoso (2002, p. 4), o bibliotecário escolar “deve ser essencialmente um leitor”. No entanto, ele deve, como afirma Fonseca (1983, p. 10), “gostar de livros, mas ele deve gostar ainda mais de leitores”. Antes de qualquer habilidade com os procedimentos técnicos da biblioteconomia, o bibliotecário de biblioteca escolar tem que ter sensibilidade para atrair à biblioteca os leitores, tantos quanto possível, o que significaria, idealmente, todos os estudantes da escola, incluindo aqueles não-alfabetizados.

Sabe-se que o correto é que, assim como os professores estejam a cargo de suas salas de aula, as bibliotecas sejam responsabilidade de bibliotecários. Até que a situação ideal esteja vigorando, que será feito nas bibliotecas que não contam com bibliotecário? As atuais responsáveis pela biblioteca da Escola Parque 210 Sul são duas professoras re-adaptadas. Está claro que, assim como os professores em regência de classe têm que prestar concurso público para o exercício do magistério, os profissionais de toda e qualquer biblioteca também deveriam ser selecionados de acordo com suas características e aptidões naturais e adquiridas, para que suas habilidades pudessem ser realmente utilizadas no local de trabalho, ou seja, os profissionais responsáveis pelas bibliotecas escolares, bibliotecários de formação ou não, têm que ocupar esta função porque querem e por estarem aptos a isso. A biblioteca não pode ser um local onde os “professores que por doença, velhice ou fastio pedagógico são encostados” (SILVA, W., 1999, p. 16). A biblioteca deve ser o local de profissionais conscientes, cujos conhecimentos subjetivos de interação e discernimento estejam sintonizados com os conhecimentos técnicos de organização e com os conhecimentos pedagógicos visando despertar o interesse dos leitores pela biblioteca (FRAGOSO, 2002).

Cabe aqui uma pausa para reflexão: se todos os estudantes da EP decidissem usufruir o direito de freqüentar a biblioteca, haveria condições de um único funcionário – por mais bem preparado e motivado que fosse – atendê-los a todos no curto espaço dos quinze minutos de recreio? A tempo: estes estudantes caberiam no espaço a ela destinado? Se realmente pretende-se instaurar uma outra biblioteca, mais freqüentada, melhor utilizada, é preciso investir nas pessoas que nela trabalham, dar a elas condições reais de executar um trabalho digno, de qualidade, motivando-as, oferecendo cursos preparatórios para que saibam lidar

com os leitores de forma atenciosa e ágil para que saibam como lidar com o acervo pelo qual se responsabilizam, mas nenhuma iniciativa neste sentido será frutífera sem o interesse real do próprio funcionário pois, bibliotecário de formação ou não, ele é o coração, o cérebro e as mãos da biblioteca sob sua responsabilidade. E “dependerá dele o resultado das ações efetuadas dentro da biblioteca” (CALDIN, 2005, p. 164). Portanto, ele tem que possuir não apenas preparo mas disposição para o desempenho da tarefa primordial que é a promoção da “leitura como lazer e como base para um pensamento crítico e criativo” (CALDIN, 2005, p. 163).

Não se trata de uma Inquisição, de uma Caça às Bruxas para levar à fogueira os funcionários re-adaptados até porque eles também perdem ao serem retirados das salas de aula, lugar para o qual estavam preparados para atuar até o momento em que tiveram de ser re-adaptados por doença ou por acidente, e colocados noutros inadequados às suas limitações e capacidades. Trata-se de apontar os problemas a fim de encontrar soluções e, infelizmente, parte do problema da biblioteca da EP 210 Sul – e da maioria das escolas – é não ter pessoal qualificado (SILVA, W., 1999). O problema não é, em si, o funcionário responsável pela biblioteca ser ou não re-adaptado, é ser “encostado” nela, é não ter recebido nenhuma espécie de treinamento, é estar apartado do processo educacional desenvolvido pelo restante da escola. Puderam ser testemunhados excelentes trabalhos desenvolvidos em conjunto por professores e funcionários re-adaptados da biblioteca. E o que não foi visto pela autora deste texto, foi documentado pela Direção e por professores da Escola Parque por fotos e compartilhado em conversas informais e nas entrevistas realizadas.

O erro ocorre por parte do Governo que faz com que as bibliotecas tornem-se depósitos de livros e de funcionários, economizando ao não contratar bibliotecários e nem mesmo fornecer capacitação técnica aos re-adaptados, explicitando seus interesses escusos em investir apenas em quantidade, não em qualidade. E o erro encontra eco até na formação acadêmica dos professores e dos bibliotecários, visto que um e outro raramente têm disciplinas que abordem, na faculdade, a importância da leitura ou a utilização de bibliotecas como espaços válidos de aprendizado para os estudantes (SILVA, W., 1999). Acostumaram-se aos erros no sistema todos os envolvidos no processo educativo que se silenciam a este respeito.

Espera-se, contudo, que este texto seja a primeira de uma série de medidas tomadas a fim de despertar a todos na Escola Parque 210 Sul para o fato de ser “indispensável que o professor lance mão de novos instrumentos de ensino, entre eles, a biblioteca escolar” (SILVA, W., 1999). Deve-se utilizar todos os meios possíveis para alcançar uma Escola

melhor, e, conseqüentemente, uma Biblioteca melhor. O ideal não será atingido, “isso é uma utopia, em um país de esfomeados, desempregados, analfabetos, desesperançados, em um país onde Educação não é prioridade” (CALDIN, 2005, p. 166), e, por isso mesmo, todos devem fazer o seu melhor.

5 Metodologia

Esta monografia é um estudo de caso da biblioteca da Escola Parque 210 Sul, como fora anteriormente mencionado, tendo como ponto de partida a observação *in loco* aliada à análise de parte da literatura disponível sobre bibliotecas escolares bem como da importância da leitura da palavra escrita para a compreensão e interpretação crítica do mundo.

A pesquisa começou muito antes da idéia desta monografia ter surgido, brotou da curiosidade a cerca do funcionamento da biblioteca, em conversas informais com colegas de trabalho da Escola Parque, especialmente com as funcionárias da própria biblioteca e com uma das fundadoras da mesma, professora Rose Santiago, atualmente na Sala de Apoio⁴. Parecia que, no cenário da Escola Parque o lugar da biblioteca não estava muito claro. Ficava no ar o questionamento sobre a utilidade da biblioteca desta EP e a quem ela serve. Neste espírito surgiu esta monografia.

Ao se escolher o assunto, começou-se uma busca na Internet por artigos de periódicos acerca dos temas ‘biblioteca escolar’ e ‘leitura’. Entre estes periódicos, o *Boletim ABDF Nova Série*, *Comunicarte* e a *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. A medida que os textos foram encontrados (71, pra sermos mais exatas), suas referências foram copiadas para haver um posterior cruzamento de dados chegando-se aos autores mais citados. Os livros e os artigos mais citados foram primeiramente lidos superficialmente para saber se seu conteúdo viria ao encontro da realidade da biblioteca da EP ou não. Feito isso, os textos que se revelaram mais coincidentes entre si e a EP tiveram uma segunda leitura executada, esta mais aprofundada. Assim, nenhuma referência presente nesta monografia foi encontrada aleatoriamente ou foi citada apenas para ampliar o tamanho da lista de referências.

Convém esclarecer que os textos sobre “como incentivar o hábito de leitura”, exceto o de Richard Bamberger (o mais citado nas referências), foram deixados de lado – por hora – por não haver tempo hábil de se implementar um projeto nesse sentido enquanto esta monografia era escrita. A leitura desses textos será realizada a partir do próximo semestre para suportar as iniciativas de revitalização da biblioteca que serão apresentadas à direção da Escola Parque. Se e como haverá sucesso nesta busca pela revitalização da biblioteca é

⁴ Chamamos por **Sala de Apoio** não um local em si, apesar dele existir fisicamente, mas o conjunto das professoras responsáveis pelo acompanhamento sistemático dos alunos portadores de necessidades especiais que frequentam a Escola Parque. São elas que intermedeiam o contato com os pais e/ou responsáveis das crianças, acompanham seu lanche e recreio, preparam materiais específicos como tradução de textos em Braille, entre outras atividades.

assunto para um outro texto...

Concomitantemente com a leitura dos textos selecionados no processo previamente descrito, questionários foram aplicados a alguns dos estudantes (frequentadores e não frequentadores da biblioteca) da EP para que se conhecesse melhor seus contextos sócio-culturais e seus hábitos e preferências de leitura a fim de traçar perfis de utilização da biblioteca, bem como saber alguns dos possíveis motivos que os afastam dela, e tentar formular planos de ação com vistas a melhorar sua frequência e aumentar o interesse dos mesmos pela leitura.

Vale ressaltar que o processo que forjou este texto não foi linear, e nem tampouco foi tranqüilo. Houve uma greve no meio dele, o que retardou a aplicação dos questionários e, conseqüentemente, a avaliação dos resultados dos mesmos. Escolhas foram feitas em função da redução de tempo e do desgaste emocional decorrente das divergências políticas e ideológicas dos que aderiram à greve, e os demais professores que não aderiram. Foi um período curto de greve, mas extremamente significativo, explicitando tendências autoritárias, descaso e despreparo desde o microcosmo Escola Parque até o macrocosmo Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Em diversos momentos, houve uma vontade de desistir do tema desta monografia e do exercício do magistério, entretanto, acalmados os ânimos, percebeu-se que não é possível fazer parte daqueles que, como denuncia Waldeck Silva (1999, p. 13), silenciam. A intenção é a mudança, não o silêncio e o comodismo.

As palavras escritas não foram arranjadas simplesmente para fazerem sentido ao serem lidas pelos futuros leitores que por elas se interessarem, elas foram sentidas, vividas. Todas, da mera preposição ao mais eloqüente substantivo, todas passaram pela vida e pela formação acadêmica que resultou na carreira de professora de Artes Plásticas da autora desta monografia e pela sua prática docente que tem ocupado a maior parte de seu tempo nos últimos nove anos, destes, quatro vividos no interior da Escola Parque 210 Sul, de suas lutas, de suas mazelas, da grandeza e da mesquinharia de todos que a compõe, a incluindo aí, no cerne das alegrias e decepções tão tipicamente humanos. Professores não são mártires. Professores são apenas seres humanos.

Todos os temas aqui abordados, portanto, são frutos de uma escolha que teve início muito antes do ingresso no curso de Biblioteconomia, e o interesse por eles, *apesar dos pesares*, não terminará com o ponto final da Conclusão.

6 Descrição e análise de dados

Foram aplicados 181 questionários⁵ a estudantes de 2ª à 4ª série do turno vespertino da Escola Parque 210 Sul entre os meses de Abril e Maio do corrente ano. Os alunos de 1ª série foram excluídos desta etapa por tratar-se de questionário escrito e muitos não estarem plenamente alfabetizados, fato apreendido pelas entrevistas informais com os mesmos. Estes questionários foram aplicados durante as aulas da autora e da professora Aramita Lessa, também de Artes Plásticas. Optou-se pela aplicação fora da biblioteca (e dentro da sala de aula) para incluir os estudantes que não freqüentam a biblioteca, clientela que mais precisa ser estudada, entendida e, posteriormente, trabalhada a fim de que possa entrar para o rol dos usuários da biblioteca.

De acordo com as informações cedidas⁶ a pela Secretaria da Escola Parque, há 909 alunos matriculados no turno vespertino este ano. Não foi possível obter o número de estudantes freqüentes e infreqüentes ou o número de estudantes de cada escola para se saber qual o real alcance da pesquisa. No entanto, entende-se que foi uma pesquisa de curto alcance e, no intervalo de tempo disponível para sua realização, não poderia ter sido maior até porque a autora continuou com as atividades docentes normais enquanto realizava esta pesquisa e preparava este texto.

6.1 Dados gerais

Aproximadamente 19,91% dos estudantes da Escola Parque responderam ao questionário (181 dos 909 matriculados). Os estudantes respondentes, assim como todos os outros que freqüentam a Escola Parque são das seguintes Escolas Classe (EC): 204 Sul, 206 Sul, 209 Sul, 410 Sul e Escola Classe 01 - SHIS (Lago Sul). Para analisar os resultados obtidos, foram agrupadas as respostas dadas pelos estudantes de todas as EC, os quais são apresentados nos quadros e gráficos que se seguem.

⁵ Apêndice A página 28.

⁶ Informação fornecida verbalmente.

6.2 Distribuição dos estudantes por Escola Classe

A escola com o maior número de estudantes que responderam ao questionário foi a EC 410 Sul. Ela não é a EC mais numerosa da Escola Parque, a EC 01- SHIS é, no entanto seus alunos freqüentam a EP duas vezes por semana, às segundas e quartas, o que permitiu aplicar o questionário num número maior de turmas e, por consequência, a mais alunos.

ESCOLA CLASSE	ESTUDANTES
EC 204	21
EC 206	36
EC 209	23
EC 410	54
EC 01 - SHIS	47
TOTAL	181

Quadro 1 – Distribuição de estudantes por escola classe.

Gráfico 1 – Distribuição dos estudantes por escola classe.

6.3 Distribuição dos estudantes de acordo com a faixa etária

FAIXA ETÁRIA	TOTAL
8 ANOS	13
9 ANOS	72
10 ANOS	71
11 ANOS	16
12 ANOS	5
13 ANOS	1
14 ANOS	1
15 ANOS	1
17 ANOS	1

Quadro 2 – Distribuição de estudantes pela faixa etária.

Quanto à faixa etária dos respondentes, a maioria encontra-se no intervalo de 9 a 10 anos, respectivamente, com 72 e 71 alunos o que representa, se estes números forem somados, 79% do total de alunos, como ilustrado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição percentual por faixa etária

6.4 Distribuição dos estudantes por gênero

No que diz respeito à divisão por gênero, as meninas representam a maior parte dos respondentes como se pode observar logo abaixo no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Distribuição de estudantes por gênero.

Se for tomada a divisão por gênero, escola a escola, vê-se que a escola com o maior número de meninas respondentes é a EC 01 - SHIS, enquanto a EC 410 Sul teve o maior

número de meninos respondentes, como ilustra o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Distribuição por gênero, escola a escola.

6.5 Interesse e importância atribuída à leitura

Analisando o Quadro 3, pode-se observar que a maioria dos estudantes respondeu gostar de ler. Este resultado pode ser considerado extremamente significativo já que, antes da pesquisa, imaginou-se que o resultado pudesse não ser tão positivo, que nem tantas crianças pudessem responder que gostam de ler. Vê-se, pois, que se os estudantes pouco frequentam a biblioteca da EP (ver Quadro 8) não é por falta de interesse pela leitura, os motivos são outros e, portanto, não será necessária uma campanha ferrenha de mobilização dos estudantes em prol do gosto pela leitura, hábito que eles demonstraram já possuir, mas sim uma intervenção junto a eles para que frequentem mais a biblioteca da Escola Parque tendo em vista que apenas 70 dos 181 respondentes costumam frequentá-la.

INTERESSE PELA LEITURA	TOTAL
GOSTA DE LER	149
NÃO GOSTA DE LER	26
NÃO RESPONDEU	6

Quadro 3 – Interesse pela leitura.

A análise do Quadro 4 vem reiterar a análise do Quadro 3, já que mesmo entre os respondentes que não gostam de ler, existe a consciência da importância da leitura.

IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA À LEITURA	TOTAL
CONSIDERA LER IMPORTANTE	175
LER NÃO É IMPORTANTE	3
NÃO RESPONDEU	3

Quadro 4 – Importância atribuída à leitura.

Não se passa impunemente por quatrocentos anos de analfabetismo (...) Sem maiores desdobramentos, a população brasileira passou direto da oralidade aos meios de comunicação que a reforçaram, sem que existisse a possibilidade da cultura letrada – como ocorreu em quatrocentos anos pós-Gutenberg na Europa. Em quatro séculos, a população total do Brasil teve uma precária experiência com a cultura letrada (MILANESI, 1983, p. 34)

Devido à falta de tradição de leitura deste país, como bem lembrado por Milanesi, é preciso comemorar os resultados obtidos e apresentados nos Quadros 3 e 4, uma vez que indicam um altíssimo percentual de interesse pela leitura por parte dos alunos respondentes e, maior ainda, o percentual daqueles que reconhecem a importância dela que, entre outras coisas, “serve para nos deixar mais inteligentes”, “pode nos ajudar no futuro” ou porque “a gente aprende mais e se diverte”, como responderam alguns estudantes. E se Milanesi (1983) força ao enfrentamento dos fantasmas do passado, Bamberger (1995) obriga que se encare os fantasmas do futuro, já que a maior parte dos alunos da Escola Parque está (como verificável no Quadro 2) justamente na “idade áurea da leitura como atividade de lazer que situa-se entre as idades de oito e treze anos. Depois dos treze, mais ou menos, o interesse pela leitura diminui muito e o relacionamento com os livros decresce” (CLEARY *apud* BAMBERGER, 1995, p. 20). Daí ser “preciso fazer da leitura um hábito determinado por motivos permanentes, e não por inclinações mutáveis” (BAMBERGER, 1995, p. 20). Ou seja, é preciso comemorar os resultados positivos, porém, mais importante é agir no sentido de preparar os leitores de hoje para que sejam os leitores de amanhã.

De volta às análises dos quadros, vale ressaltar a parcela expressiva de alunos que responderam ler na Escola Classe e em casa, como mostram os Quadros 5 e 6 respectivamente. Os motivos para tanto, segundo respostas dadas por eles, vão desde a existência da “hora da leitura” na EC, até o fato de não conseguirem dormir cedo em casa, lendo para preencher o tempo.

LEITURA NA ESCOLA CLASSE	TOTAL
LÊ NA ESCOLA CLASSE	136
NÃO LÊ NA ESCOLA CLASSE	45

Quadro 5 – Leitura na escola classe.

LEITURA EM CASA	TOTAL
COSTUMA LER EM CASA	130
NÃO COSTUMA LER EM CASA	48
NÃO RESPONDEU	3

Quadro 6 – Leitura em casa.

O Quadro 7 mostra a distribuição dos alunos de acordo com seus hábitos de leitura, no que se pode inferir que há mais estudantes lendo em casa e/ou em sua respectiva Escola Classe do que frequentando a biblioteca da Escola Parque.

HÁBITOS DE LEITURA	ESTUDANTES
FREQUENTAM A BIBLIOTECA DA EP E LÊEM NA EC E EM CASA	49
FREQUENTAM A BIBLIOTECA DA EP E LÊEM NA EC, MAS NÃO EM CASA	9
FREQUENTAM A BIBLIOTECA DA EP MAS NÃO LÊEM NA EC NEM EM CASA	6
FREQUENTAM A BIBLIOTECA DA EP E LÊEM EM CASA, MAS NÃO LÊEM NA EC	6
NÃO FREQUENTAM A BIBLIOTECA DA EP MAS LÊEM EM CASA E NA EC	54
NÃO FREQUENTAM A BIBLIOTECA DA EP NEM LÊEM CASA, MAS LÊEM NA EC	23
NÃO FREQUENTAM A BIBLIOTECA DA EP NEM LÊEM NA EC, MAS LÊEM EM CASA	21
NÃO FREQUENTAM A BIBLIOTECA DA EP E NÃO LÊEM EM CASA OU NA EC	13

Quadro 7 – Distribuição por hábitos de leitura.

Gráfico 4 – Distribuição quanto aos hábitos de leitura dos estudantes.

Em termos percentuais, tem-se 58% (98 estudantes) não frequentando a biblioteca da Escola Parque, porém, lendo na Escola Classe e/ou em casa, enquanto entre os 42% dos que frequentam a biblioteca da EP, não necessariamente lêem em casa ou na EC. É necessário estar atento aos 7% (13 alunos) que responderam não frequentar a biblioteca da EP e não ler na EC ou em casa, apesar de todas as respostas obtidas indicando a existência da hora ou do dia da leitura nas escolas classes.

O Quadro 8 traz o número de respondentes que freqüentam a biblioteca da EP e que é menor do que o número de estudantes que não a freqüentam, como mencionado anteriormente.

FREQUÊNCIA À BIBLIOTECA DA ESCOLA PARQUE	TOTAL
COSTUMA IR À BIBLIOTECA DA EP	70
NÃO COSTUMA IR À BIBLIOTECA	109
NÃO RESPONDEU	2

Quadro 8 – Frequência à biblioteca da Escola Parque 210 Sul.

Pode-se entender a baixa frequência à biblioteca da Escola Parque 210 Sul como parte da crise da Educação na qual se insere a crise da leitura que, como afirma Martins

não se dá tanto devido à falta do que ler, aos preços altos, à pouca qualidade do material, ou mesmo pela inexistência de leitores, vem da precariedade de condições sócio-econômicas e se espalha na ineficiência da instituição escolar, determinando e limitando opções (MARTINS, 1988, p. 27).

A esta “ineficiência da instituição escolar” pode-se chamar, na EP, de falta de trabalho conjunto, falta de projetos interdisciplinares que estimulariam a frequência dos alunos à biblioteca e a associação da mesma às linguagens artísticas trabalhadas pelos professores em suas aulas visto que

A construção da capacidade de produzir e compreender as mais diversas linguagens está diretamente ligada à condições propícias para ler, dar sentido ou atribuir significado a expressões formais e simbólicas, representacionais ou não, quer pelo gesto, pelo som, pela imagem. E essa capacidade relaciona-se em princípio com a aptidão para ler a própria realidade individual e social (MARTINS, 1988, p. 65).

6.6 Preferência dos estudantes respondentes quanto ao material de leitura

Como se vê no Quadro 9, entre os estudantes que freqüentam a biblioteca da Escola Parque, a maioria afirmou encontrar o material de leitura preferido, que vem a ser, de acordo com o Quadro 10, gibis. São os gibis, aliás, responsáveis pela maior parte das sugestões dadas pelos estudantes: a compra de mais e novos exemplares.

ENCONTRA O MATERIAL QUE GOSTA NA BIBLIOTECA DA ESCOLA PARQUE	TOTAL
ENCONTRA O MATERIAL QUE GOSTA NA EP	55
NÃO ENCONTRA O MATERIAL QUE GOSTA NA EP	12
NÃO RESPONDEU	3

Quadro 9 – O material preferido de leitura é ou não encontrado na biblioteca da EP.

MATERIAIS PREFERIDOS DE LEITURA	TOTAL
PREFERE LIVROS ILUSTRADOS	11
PREFERE GIBIS	34
LIVROS NÃO ILUSTRADOS	9
GIBIS E LIVROS ILUSTRADOS	10
LIVROS NÃO ILUSTRADOS E GIBIS	1
NÃO RESPONDEU	6

Quadro 10 – Tipo de material preferido de leitura.

6.7 Distribuição quanto ao local de moradia

Os resultados da pesquisa com os alunos de acordo com o local de moradia deles são apresentados a seguir. É importante destacar este ponto para melhor ilustrar o que foi anteriormente escrito a respeito da clientela da Escola Parque não fazer parte, necessariamente, da comunidade na qual a escola está localizada. Assim, os Gráficos 5 e 6 dizem respeito à distribuição dos alunos que freqüentam a biblioteca da Escola Parque de acordo com seu local de moradia. Enquanto os Gráficos 7 e 8 dizem respeito à distribuição dos alunos que não freqüentam a biblioteca da Escola Parque.

Gráfico 5 – Distribuição dos alunos que freqüentam a biblioteca da Escola Parque de acordo com seu local de moradia.

Gráfico 6 – Distribuição percentual dos alunos que frequentam a biblioteca da Escola Parque de acordo com seu local de moradia.

Gráfico 7 – Distribuição dos alunos que não frequentam a biblioteca da Escola Parque de acordo com seu local de moradia.

Gráfico 8 – Distribuição percentual dos alunos que não frequentam a biblioteca da Escola Parque de acordo com seu local de moradia.

Se for considerado o conjunto de todos os respondentes do questionário, frequentadores e não frequentadores da biblioteca da Escola Parque como ilustrado no Gráfico 9, tem-se que 79% deles não mora na Asa Sul, ou seja, vêm de outras localidades do Distrito Federal e entorno. Este aspecto é visto como positivo no sentido de que mesmo a escola tendo sido construída fora das periferias de Brasília, é de lá que vêm seus estudantes, corrigindo este erro geográfico e possibilitando que alunos excluídos geograficamente e socialmente tenham acesso a um ensino diferenciado, o ensino da Escola Parque.

Gráfico 9 – Distribuição percentual dos alunos respondentes de acordo com seu local de moradia.

6.8 Considerações finais acerca dos resultados da pesquisa com os estudantes

Comparando os resultados dos Quadros 5, 6, 7, 8 e 9, concluí-se que a biblioteca da Escola Parque 210 Sul, apesar de receber estudantes apenas por 15 minutos diários durante o recreio, de não prover nenhuma atividade interativa para os estudantes e nem sequer de divulgar sua existência, desempenha um papel importante junto aos estudantes que têm nela mais um espaço de reforço ao hábito da leitura além de lhes oferecer o serviço de empréstimo de livros para que possam ler em casa. Aliás, o número de leitores que a freqüentam, dadas as adversidades nas quais se encontra, é bastante considerável.

Todavia, não se pode deixar de imaginar quais seriam os números se houvesse divulgação a respeito da existência da biblioteca, se houvessem atividades interativas para os alunos como “a hora do conto”, saraus ou se eles, simplesmente, tivessem acesso a ela durante um tempo maior. Para exemplificar, basta atentar para algumas das respostas dadas pelos não freqüentadores da biblioteca sobre o porquê de não a freqüentarem. Alguns responderam que não freqüentam a biblioteca por não gostarem, os demais deram explicações diversas como “não terem tempo”, que equivale a dizer que os quinze minutos de recreio são insuficientes; “não terem sido levados até lá”, ou, mais precisamente, responderam não saber onde a biblioteca está localizada, o que confirma a fala da própria funcionária do vespertino que disse que falta maior divulgação sobre a biblioteca para os alunos.

É inadmissível que haja crianças privadas do direito de freqüentar a biblioteca porque não sabem que ela existe⁷, não sabem onde ela está! Ainda mais porque estes alunos são leitores por preferência própria. O gosto deles pela leitura precisa ser incentivado, estimulado para que, ao deixarem os bancos escolares, não abandonem a leitura.

Os números apresentados durante a análise de dados expõem a falta de vontade de todos da Escola Parque reverterem a situação da biblioteca. O fato das crianças lerem nas suas escolas classe num número muito mais expressivo não significa, necessariamente, a existência de bibliotecas em melhores condições de funcionamento que a da EP, no entanto, como trata-se de alunos das séries iniciais do ensino fundamental, suas professoras fazem uso regular de leituras recreativas ou não. Ainda que eles não freqüentassem as bibliotecas das EC, teriam muito o que ler em sala de aula.

Portanto, afirmamos que esta *sensação* da biblioteca da Escola Parque 210 Sul ser

⁷ Estas respostas de ignorância nos remetem à Fonseca (1983, p. 4) e sua afirmação de que a biblioteca escolar no Brasil não é estudada porque não existe.

mera figurante é reforçada mais por não serem desenvolvidas atividades interativas de nenhuma natureza propostas pelo corpo docente ou pelos funcionários que nela trabalham para promoverem a leitura e os leitores. Esta constatação não é feita sem tristeza, e, por isso mesmo, para que se ultrapasse a simples concepção de manter uma sala com livros e chamá-la de biblioteca, para que se alcancem melhorias, aprimoramentos, este texto foi escrito em busca por soluções, não apenas para citar problemas.

O ideal seria haver um diálogo maior entre as Escolas Classe e a Escola Parque no intuito de concentrar esforços para que um número ainda maior de crianças gostasse de ler e frequentasse as bibliotecas das duas escolas sempre que possível, não apenas porque as “professoras obrigam”, mas porque elas se sentem bem, são bem atendidas e encontram os materiais que gostam de ler nelas.

As Escolas Classe devem manter suas bibliotecas independentes bem como seus programas de utilização, contudo, a biblioteca da Escola Parque deve assumir sua verdadeira vocação, aquela inicialmente proposta por Anísio Teixeira e defendida por Paulo Freire e outros (CALDIN, 2005; FRAGOSO, 2002; FONSECA, 1983; MILANESI, 1983; SILVA, W., 1999), qual seja de biblioteca como centro cultural “que não é só de estudo mas de leitura e de fruição dos bens do espírito” (TEIXEIRA, 1977, p. 130), uma biblioteca formadora de cidadãos críticos, plenamente aptos para a cidadania. Para que isso ocorra, é necessário haver instalações físicas adequadas ao acervo e aos leitores, e, sobretudo, é necessário que haja uma reunião de esforços dos professores e funcionários da biblioteca para que suas habilidades específicas venham complementar, enriquecer as prováveis carências uns dos outros, somando talentos para multiplicar os resultados e revertê-los em favor dos leitores e da biblioteca. Deve-se, então, romper esta que talvez seja a maior barreira atravancando o potencial da biblioteca: aquela entre educadores e o responsável pela biblioteca (FRAGOSO, 2002). O isolamento dos funcionários na biblioteca e do professor em sala de aula é péssimo para toda a escola.

Para se ter idéia do que já foi feito na biblioteca quando havia projetos conjuntos entre seus professores e funcionários, foram selecionadas, com a ajuda da professora Rose Santiago (ex-funcionária e co-fundadora da biblioteca), fotografias de algumas atividades nela desenvolvidas como a hora do conto e o torneio de xadrez. As fotos estão nos anexos do trabalho.

7 Conclusão

Após analisar os dados coletados, confrontá-los com as observações feitas *in loco* na biblioteca da Escola Parque 210, evidenciou-se que, assim como todo o sistema educacional do Distrito Federal e do País, ela precisa ser revitalizada. Iniciativas têm que ser implementadas para que o presente quadro sofra uma reversão positiva, iniciativas no sentido de que às funcionárias da biblioteca se unam os professores e a direção da escola não apenas para elaboração de um projeto escrito, mas principalmente para sua execução.

Sugere-se a ampliação do acervo de gibis para atrair novos leitores à biblioteca e para que a sugestão da maioria dos estudantes que responderam o questionário seja respeitada, mostrando que eles são ouvidos quando se manifestam em prol de um bem coletivo. Ainda tendo como guias as respostas ao questionário, sugere-se a flexibilização dos horários de atendimento para que os estudantes interessados em frequentar a biblioteca não precisem escolher entre ela e o lanche e possam usufruir com mais calma e tempo do espaço que, afinal, é feito para eles, para os leitores. Afinal, biblioteca deveria designar a assembléia de leitores, não a coleção de livros (FONSECA, 1983).

Finalmente, mas não menos importante, sugere-se que voltem a ocorrer atividades interdisciplinares na biblioteca ou pelo menos vinculadas a ela para que o propósito da biblioteca da Escola Parque sonhada por Anísio Teixeira e por todos aqueles comprometidos com a formação crítica e cultural dos estudantes seja realizada do modo mais completo possível a fim de que a função cultural e educativa da biblioteca seja alcançada (FRAGOSO, 2002).

As condições de trabalho adversas tão citadas por autores como Ezequiel Theodoro da Silva, e Waldeck Carneiro da Silva, não foram apenas lidas, são vivenciadas diariamente pela autora deste texto. O fato de trabalhar no local pesquisado pôde ter facilitado o acesso a dados e aos alunos, mas gerou um clima nem sempre amistoso e questões éticas surgiram e constituíram barreiras em diversos momentos. Foi um processo de idas e vindas, de escolhas difíceis, de confronto com suas próprias práticas pedagógicas, de um enorme sentimento de desesperança frente à realidade da Educação neste país. Contudo, o primeiro passo está sendo dado em direção à mudança da situação da biblioteca da Escola Parque 210 Sul. Agora que foram reunidos dados sobre os estudantes, suas preferências, suas sugestões e reclamações são conhecidas, muito pode ser feito. Obviamente a pesquisa não será encerrada aqui, este é, ao contrário, o ponto de partida.

8 Referências

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli: R. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 12, dez. 2001. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_14/clarice.pdf>. Acesso em: 18 maio 2008.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.10, n.2, p. 163-168, 2005. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000836>>. Acesso em: 19 dez. 2008.

CERDEIRA, Theodolindo. A biblioteca escolar no planejamento educacional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 35-43, jan./ jun. 1977.

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, MEC; UNESCO, 2000. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001298/129801por.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2009.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteca escolar e a crise da educação**. São Paulo: Pioneira, 1983.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/0000083/01/Rev%5B1%5D.AC-2005-78.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção primeiros passos, v. 74).

MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos, v. 94).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção questões da nossa época, v. 45).

SOUSA, Maria Isabel de Jesus. Informação para cidadania: a biblioteca como espaço de formação de sujeitos no modelo de educação de Anísio Teixeira. In **XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação** CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, set. 2000, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000758/01/T103.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio.** 4. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos da Escola Parque 210 Sul sobre a biblioteca:

QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES DA ESCOLA PARQUE 210 SUL SOBRE A BIBLIOTECA
RESPONSÁVEL: PROFESSORA VERÔNICA LIMA – ARTES PLÁSTICAS

SEXO: MASCULINO () FEMININO () IDADE:_____ ESCOLA CLASSE:_____

SÉRIE:_____ ONDE MORA (CIDADE):_____

COM QUEM MORA: _____

VOCÊ COSTUMA VIR À BIBLIOTECA DA ESCOLA PARQUE? SIM () NÃO () POR QUÊ?

VOCÊ GOSTA DE LER? SIM () NÃO () POR QUÊ? _____

SE VOCÊ GOSTA DE LER, QUAL O SEU TIPO PREFERIDO DE LEITURA? LIVROS ILUSTRADOS ()

GIBIS () LIVROS SEM ILUSTRAÇÕES ()

OUTROS:_____

VOCÊ ENCONTRA OS LIVROS QUE GOSTA NESTA BIBLIOTECA? SIM () NÃO ()

FAÇA SUA SUGESTÃO PARA A MELHORIA DESTA BIBLIOTECA:

VOCÊ COSTUMA LER EM CASA? SIM () NÃO () POR QUÊ? _____

VOCÊ COSTUMA LER NA ESCOLA CLASSE? SIM () NÃO () POR QUÊ? _____

NA SUA ESCOLA CLASSE EXISTE BIBLIOTECA? SIM () NÃO ()

VOCÊ ACHA QUE LER É IMPORTANTE? SIM () NÃO () POR QUÊ? _____

OBRIGADA POR COLABORAR!!!

ANEXO A – Fotografias da biblioteca da Escola Parque 210 Sul

Fachada: inauguração da Biblioteca da Escola Parque

Hora do conto: homenagem à Monteiro Lobato e o Sítio do Pica-pau Amarelo

Hora do conto: homenagem à Monteiro Lobato e o Sítio do Pica-pau Amarelo

Estudantes visitando exposição.

Estudantes freqüentando a biblioteca.

3º Torneio de Xadrez realizado pela biblioteca e pelas professoras de Literatura.

Vista do interior da biblioteca antes da mudança de local.

Vista do interior da biblioteca antes da mudança de local.

Biblioteca em 2009 após a mudança de local.

Biblioteca em 2009 após a mudança de local.